

GB JONES
&
BRUCE
LABRUCE

NÃO SEJA GAY

OU

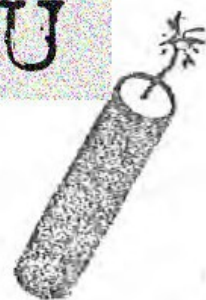
COMO PAREI

de

ME PREOCUPAR

E PAU NO CU

DO PUNK



Um Recado das Macacas

Somos macacas senis *pero cumplidoras*, portanto fizemos o prometido às irmoas da *Igreja do Apocalipse Universal dos Últimos Dias do Antropoceno* e terminamos a tradução deste texto clássico do *homocore*. Como de costume, é uma tradução puerca e amadora, realizada no âmbito de nossas atividades terapêuticas no *Instituto Geriátrico Puerco Suíno* - pode e deve ser melhorada por quem tiver ânimo para tal empreitada.

Por solicitação de nossas amigas cegas, há algum tempo deixamos de usar o X como neutralizador de gênero e neste texto não foi diferente. Mas se isso facilita a leitura pelos programas que as pessoas cegas costumam usar, por outro lado acaba dificultando bastante nossa tarefa de evitar o binarismo e sexismo linguístico no texto. Fizemos o possível, mas não quebramos demais a cabeça tentando evitar o domínio masculino da linguagem utilizada... somos velhas e cansadas (a cada dia mais e mais cansadas deste mundo horroroso construído pelos seres humanos...) demais para tão monumental labor de recriar a linguagem escrita nesta altura do campeonato. Portanto, leiam isto como um documento histórico, já que naquele longínquo 1989 ninguém seria recriminada por escrever "Os punks" em vez de "Xs punks" ou "as pessoas punks".

Só para contextualizar, se você não leu a postagem com a parte inicial deste texto no blogue da IAU: "Não Seja Gay..." foi publicado pela primeira vez em 1989 na *Maximumrocknroll* por GB Jones e Bruce LaBruce, que na época faziam o *J.D.s*, zine pioneiro da cena *homocore* do Canadá e dos EUA, e posteriormente reproduzido no último número do também mítico zine *Homocore*, em fevereiro de 1991.

No mais, desejamos uma boa leitura e reforçamos a nossa mensagem de sempre: se querem mesmo ser revolucionários e antissistema, comecem por desertar do heterossexualismo e das relações de casal.

Macacas Idosas do Instituto Geriátrico Puerco Suíno

no longo e tenebroso inverno de 2015



Photo: Dave-Id

QUESTIONNAIRE

NAME _____
 ADDRESS _____

BAND, FANZINE, etc. _____
 SHOE SIZE _____

Please indicate whether you will allow us to quote you or if you choose to remain anonymous:

- wimp (just kidding - discretion assured)
 dude (you can quote me on that)

- 1) Has anyone ever called you a "fag/dyke" because you are a punk?
- 2) Have you ever been beaten up because someone thought you were a "faggot/dyke"?
- 3) If so, who were the assailants? cops family members
 skinheads rednecks
 headbangers other
 other punks (please specify)
- 4) Have you ever participated in a "queer-bashing" or "fag-baiting" incident? (Be honest)
- 5) Does slamming give you a hard-on?
- 6) Go to the dictionary. Look up "punk". Did you do it? Honest? Do you feel any different?
- 7) Are you familiar with the homocore movement?
- 8) How would you describe your sexual persuasion?
- | | | |
|-------------------------------------|--------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> straight | <input type="checkbox"/> gay | <input type="checkbox"/> dyke |
| <input type="checkbox"/> bisexual | <input type="checkbox"/> fag | <input type="checkbox"/> lesbian |
| <input type="checkbox"/> asexual | <input type="checkbox"/> queer | <input type="checkbox"/> I wouldn't |
| <input type="checkbox"/> homosexual | <input type="checkbox"/> punk | <input type="checkbox"/> other (please specify) |
- 9) Do you read J.D.s?
- 10) We are writing an article for an international fanzine on Gays and Punks. If you have any comments, queries, or quotable quotes on this subject (or anecdotes, dirty stories, true-to-life tales, compromising photos, etc.), please include. Thank.



NÃO SEJA GAY, OU, COMO PAREI DE ME PREOCUPAR E PAU NO CU DO PUNK

por GB Jones (divisão sapatão) e Bruce LaBruce (divisão bicha) para as *New Lavender Panthers*.

[Este artigo apareceu na MAXIMUMROCKNROLL de fevereiro de 1989, para a edição de sexualidade (a melhor de todas as edições da MRR). A resposta a ele foi... frustrante. E não foi por um problema do artigo. Vocês vão ver. Reimpresso sem permissão. – tom jennings/Homocore]

O PUNK ERROU?

Como parte da preparação deste artigo, e incluído no último número do J.D.s [nº 3? nº 4? – tj¹], nosso fanzine *homocore*, idealizamos um questionário sobre o tema gays e punks. A questão número seis implorava para que você fosse ao dicionário e procurasse a palavra "punk" para ver se sentia algo diferente depois.

P: Vá ao dicionário. Procure "punk". Pronto? De verdade? Sentiu algo diferente?

R: Não, não me senti diferente, só mais sabida. [Jane Guskin/ YEASTIE GIRLZ]

Eu não tenho dicionário. [Gerard "Conflict" Cosloy]

Qual era o objetivo disso? [Marc Rentzer / LETCH PATROL]

1 Nota das Macacas: Esclarecendo a dúvida de Tom Jennings, o questionário apareceu no número 4 do JD's – quem quiser comprovar, é só procurar no Queer Zine Archive:
http://archive.qzap.org/index.php/Detail/Object/Show/object_id/389

*Não, eu não fiz isso porque não tenho um dicionário à mão.
[um bundão anônimo]*

Se vocês não estavam ocupadas demais e conseguiram encontrar, aqui está a definição de punk com a qual devem ter se defrontado:

punk (*pungk*) informal subst.: 1. *jovem inexperiente ou imaturo* 2. *jovem rude* 3. *homossexual passivo, ou catamita*.

(Se você fez mesmo sua lição de casa, deve ter descoberto que punk é também uma palavra arcaica para a madeira seca usada como lenha, que também é o significado original da palavra "*faggot*" (bicha). Homossexuais, bruxas, criminosas, todas as pessoas denunciadas como inimigas do Estado, eram queimadas na estaca. A palavra que denominava o material usado para queimá-las tornou-se um outro nome para as próprias vítimas. Não é por acaso que "*punk*" e "*faggot*" têm uma raiz semelhante.)

Mas o que você está me dizendo?! Que punks são bichas também. É melhor começar a se preocupar agora. Muito antes de "*punk*" significar moicanos e MAXIMUMROCKENROLL, garotos eram "catados" na cadeia (recrutados para servir aos desejos sexuais de outros presos) e rotulados de "*punks*" ("eu *punkei* o garoto" ("*I punked the kid*"). Exibindo tatuagens caseiras e antipatia pelo poder, esses punks originais, muitos dos quais delinquentes menores presos por quebrar regras sociais, tornaram-se, uma vez dentro do sistema carcerário, também fora da lei sexuais. Esse era o ponto de identificação para os antigos *punk rockers* que surgiram em meados da década de 1970, desempenhando explicitamente o papel "do punk" nas roupas, na atitude, na rejeição às normas sociais. Esta postura obviamente incluía a delinquência sexual – procurando encrenca como michês da rua 42 (Dee Dee Ramone, Patti Smith, entre outros, nos EUA) ou usando uma camiseta com a imagem de dois caras trepando (Sid e Johnny no Reino Unido).

P: Alguém já te chamou de viado ou sapatão porque você é punk?

R: Sim! As Yeastie Girls são chamadas de sapatões o tempo todo. [Jane Guskin]

Sim, mas porque eu era punk mesmo. [um bundão anônimo]

Sim, e aí ela me pediu o batom. [Jim]

Sim. [Lawrence Livermore / LOOKOUT]

O fenômeno de uma subcultura altamente visível e perturbadora, com um visual sexualmente divergente e que parece também se comportar dessa maneira já provou ser uma arma efetiva contra as instituições que tentam controlar e conter a identidade pessoal e liberdade sexual. Então, o que significa quando alguém te chama de viado ou sapatão? Que a sociedade considera que você está fora de seus controles e restrições e que você deveria estender o seu protesto também ao comportamento sexual. Na próxima vez que alguém te chamar de bicha, considere as implicações disso. Talvez você os tem bem onde gostaria de ter.

Os punks antigos, e, a julgar pelo questionário, alguns punks ainda hoje, estão pouco se fodendo para os conceitos conservadores que se tem sobre os papéis sexuais. Mas como "movimento", o punk não parece ter captado a ideia de usar o sexo como uma estratégia para promover a mudança. Então a pergunta óbvia que fazemos é:

Onde o Punk errou?

Vamos encarar os fatos. Ir à maioria dos shows punk hoje é bem parecido com ir a um bar gay médio (MIGHT SPHINCTER, apesar de tudo): tudo o que se vê são "caras" machões com jaquetas de couro e jeans desfilando ao redor da pista ou agitando *mosh*, roçando os corpos suados uns nos outros numa orgulhosa

exibição. A única diferença é que no bar gay as mulheres estão quase que completamente banidas, enquanto no clube punk elas têm sido relegadas às margens, mas lhes permitem certa participação (isto é, a namorada, a groupie, a faz-tudo, a boceta pós-show). Neste mundo altamente masculinizado, o foco é duplamente masculino: os meninos no palco controlando o "sentido" do evento (o estilo da música, a mensagem política, etc), e os meninos na pista determinando a extensão da troca entre o público e quem se apresenta. E onde fica o resto? E os nerds de óculos, talvez, que não podem competir, ou as garotas que não são exatamente encorajadas a participar? A não ser, claro, que estejam dispostas a tomar uma posição contra "toda essa porcária machista". (É claro que há exceções nesse domínio masculino: bandas de garotas ou bandas que incluem mulheres como membros iguais, ou bandas como CRUCIFUCKS e RYTHYM PIGS, que criticam duramente o comportamento machista durante os shows.)

O "movimento" gay tal como existe hoje é uma grande farsa, e nós não temos nada a dizer sobre ele, então não vamos dizer absolutamente nada, exceto que, ironicamente, ele erra lastimosamente onde devia ser mais progressista – em sua política sexual. Especificamente, há uma segregação dos sexos onde deveria existir unidade, uma misoginia velada que privilegia a cultura bicha sobre a sapatão, e um medo de expressar feminilidade que levou ao macabro fenômeno do gay masculino "hétero". Mas meninos e meninas gays subversivos que esperavam encontrar no punk uma alternativa a uma cultura estagnada se veem enormemente desapontados e mal recebidos.

Então, nossa próxima pergunta é:

Gays e punks foram cooptados?

Jovens gays estão abandonando o *establishment* gay porque ele foi "cooptado". Ameaçada por subculturas que desafiam e questionam seus princípios básicos, a ideologia dominante, composta por aqueles ideais e valores que se espera que sigamos e

aceitemos como naturais e inevitáveis, permite que estas pessoas descontentes apresentem seu protesto sem problemas dentro de certos limites. Sob os títulos de "democracia", "pluralismo", e "liberalismo", a sociedade apresenta cada "subcultura radical" como uma de várias alternativas, ainda que mais "teatral", de uma lista de "estilos de vida" para se escolher. Ao aceitar esta ilusão de liberdade a subcultura cai na complacência e perde o vigor, tornando-se cada vez mais parecida com aquilo que no início combatia. A subcultura homossexual fornece um exemplo perfeito de cooptação. Apresentada com uma liberdade simplória que oferece bares, discotecas e moda gay dentro de um "gueto gay", uma opção radical sancionada e contida pela normalidade se torna a única concessão à libertação.

A sociedade há muito tempo reconheceu o "punk" como uma mercadoria viável para ser copiada, incorporada e usada de forma sensacionalista. Ainda que nem toda a cultura punk tenha se tornado um gueto (mantendo ainda fronteiras mais nômades). Os punks devem estar constantemente atentos às tentativas da sociedade de reduzir seu protesto a uma mera moda, à representação do "radical" como um novo produto fashion a ser consumido. Uma forma de evitar tal cooptação é apresentar um movimento que se recuse a se conformar com os padrões de decência sexual e conduta moral que se espera até da mais rebelde das juventudes, enquanto evita os erros do movimento gay: *guetização*, reformismo liberal, capitulação de classe. E o homocore, saindo das páginas de um fanzine pornográfico de softcore gay, tem a ver com tudo isso.

Androginia versus o Rei e a Rainha do Punk.

Se o movimento punk no começo tentou romper com as restrições de sexo/gênero, seus *performers* mais interessantes são os melhores exemplos disso. A imagem inicial de Patti Smith, adornada com uma jaqueta de couro, camisa e gravata masculinas, jeans e botas de lutador, definiu o padrão. NERVOUS GENDER, CATHOLIC DISCIPLINE, e THE DICKS conscientemente faziam o *gender-fuck*; Siouxi Sioux incluiu canções de amor para

mulheres, sem a mediação de relacionamentos com homens, mas direcionadas contra a sociedade e seu lugar nela. Enquanto os BUZZCOCKS e X-RAY SPECS protestaram contra os papéis rígidos em relação ao sexo, o estilo do momento tentava a mesma crítica, com casais se levando em coleiras de cachorro, roupas de sujeição – itens de fetiche que no final foram absorvidos pela indústria da moda como “new wave” e tornados “comercializáveis”. O Hardcore, mais consciente desse poder de cooptação, limitou-se a um tipo de uniforme unissex – camiseta de banda, botas de motociclista ou coturno, jeans (com suspensórios opcionais) – em uma tentativa de evitar essa armadilha, mas ao fazer isso “desradicalizou” as aberturas iniciais em direção à revolução sexual. Uma queixa comum hoje em dia é que a maioria dos punks ficam com garotas que são mais rigidamente definidas como sexy ou femininas. Para as garotas que se recusam a se definir dessa forma, a mensagem por trás de sua imagem, frequentemente, é que estão imitando seus namorados no limitado vocabulário do “estilo” hardcore. Ou então a garota é excluída como sem “valor” para os homens como objeto sexual, objeto de fetiche ou participante de sua “cena”. Em ambos os casos, ela sai perdendo.

Lydia pro Almoço²

Lydia Lunch é um ótimo (ou o pior) exemplo deste fenômeno. A própria rainha da transgressão parece que não consegue perceber o quanto seu projeto fracassou terrivelmente.

(Nota de rodapé aberta para L. Lunch: Querida Lydia, todas nós temos boas lembranças daqueles dias do TEENAGE JESUS, mas é claro que não podemos esperar que você fique parada no mesmo lugar gritando “Orphans In The Storm” para sempre. Talvez sejam as pessoas a sua volta, os inevitáveis puxa-sacos. Lydia, por favor, dê uma olhada profunda no que aconteceu. Nunca é tarde demais. Sabemos que você não quer ser uma piada pública. Reaja agora.)

Uma adepta da escola “escrota” (“fuck-pig”) do punk, Lunch, vestida como uma fantasia punk da Penthouse, abusa dos gritinhos,

² N. das M: “Lydia for Lunch”, no original - aqui as autoras piadistas fizeram um trocadilho com o sobrenome da Lydia (Lunch = almoço em inglês)..

gemidos e suspiros nas várias gravações produzidas por seus namorados. O protesto verdadeiro é substituído por ataques insignificantes contra seu último amante, atuando no interior do desejo masculino para confrontar uma mulher agressiva e cheia de fúria, que ela foi tantas vezes no passado (i.e. "Right Side of My Brain"), e conquistá-la. Como um lenço de papel usado, Lunch descarta uma imagem de mulher vitimizada e passa para a próxima. Sua postura "pró-sexo" (leia-se "pró-abuso") anticensura é facilmente neutralizada por sua imagem de impotência e ineficácia. Como com as PANDORAS, os "homens" se alinham diante do palco para devorar com os olhos seus peitos e sua bunda enquanto Lunch protesta exatamente contra isso. Tentando apresentar o poder abusivo dos homens sobre as mulheres como espetáculo, ela não abole a distância entre uma mulher sendo abusada e a representação deste abuso. Enquanto se permite que a sexualidade do performer masculino se mantenha implícita, a performer feminina deve ser explícita, a exemplo da Lunch, que de forma consistente atua dentro deste pouco falado mas amplamente aceito pré-requisito.

Mas esperem! O escrutínio de Lydia não termina aí? Ela também legitima a antiquada posição dos meninos como espectadores masculinos, concedendo a eles o luxo de usar a retórica política para legitimar sua posição "pró-sexo". Defendendo-a em termos "políticos", os meninos saboreiam a oportunidade de manter as velhas posições do *voyeur* e da mulher objeto sexual, permitindo que tenham seu almoço (Lunch) e o comam, também.

Esconder-se atrás da pureza santificada da "arte" ou "arte performática" empresta aos atos de Lydia um toque de classe, algo que se espera para que ela possa estar acima da trabalhadora sexual da rua 42. Por que ela considera necessário elevar-se acima da prostituição – que é, pelo menos, uma profissão honesta, principalmente quando comparada à de artista – continua sendo um mistério. Naturalmente, não damos a mínima se as pessoas estão envolvidas em representação sexual explícita (afinal, nós mesmas somos pornógrafas), desde que isso não seja um espelho do sistema de valores opressor e arraigado da cultura em geral.

Nossa, esse G.G. é bem punk!

"O smart money está dizendo que ele não vai viver além de 1987"

Gerard Cosloy

Bom, parece que a grande perda de dinheiro do Sr. Cosloy foi também uma perda para todo mundo, já que GG Allin sobreviveu a mais um ano. A versão masculina de Lydia Lunch na tradição escrota se tornou o mais novo astro do punk rock, mas quando você é o número dois, tem que se esforçar mais. Você tem que ir um pouco mais longe. Achando que a postura mais radical é a mais exagerada, Allin se masturba, é chupado, ataca mulheres durante seu show, o ato como prova de sua virilidade – ele vai trepar com qualquer coisa. O comportamento homossexual torna-se mais um de uma série de atos nojentos destinados a reforçar sua posição de rei do lixo. Como na cultura biker, quando dois homens se dão beijos de língua profundos para mostrar que são corajosos e machões, GG Allin apresenta essa anormalidade como um de uma série contínua de abusos a se suportar, provando que um homem de verdade deve gozar a qualquer custo – qualquer buraco serve. O que o sr. Allin não entendeu é que demonstrar afeto em relação ao mesmo sexo é um gesto muito mais assustador e revolucionário. Se duas pessoas do mesmo sexo se beijam na pista, a reação da multidão será muito mais violenta e intensa que o espetáculo de GG Allin deixando algum coitado lhe fazer um boquete no palco. O GG é tão punk...

O Cambalacho Real

Se Lydia é a rainha e GG o rei, então estes dois extremos, simbolizando os papéis sexuais masculino/feminino no hardcore, refletem pateticamente as mesmas opções da sociedade hétero. Esta resposta reacionária indica mais uma cooptação do punk. Como movimento, ele começa a imitar uma sociedade repressora, que abomina a homossexualidade e insiste no casal heterossexual, uma instituição arraigada, tal como existe, que empodera o homem

como um agressor hipermasculino, enquanto debilita a mulher, como vítima.

Um Enigma

P: Como você sabe se seu colega de quarto é gay?

R: O pau dele tem cheiro de merda.

Numa carta recente à MAXIMUMROCKNROLL (nº 64), um punk/homo escreveu em uma crítica sobre as virtudes de ser um homem gay de aparência e comportamento hétero em busca de iguais. Este apologista do "mundano" pregava contra as práticas repugnantes dos homossexuais, preferindo permanecer invisível e inofensivo para a sociedade hétero. O medo masculino da feminilidade mostra a sua cara feia mais uma vez quando o autor expressa repugnância com "as desmunhecadas" e "os beicinhos" da "repugnante prática homo que algumas bichas gostam de ter", considerando isso tudo "repugnante, como a maioria dos hétero também consideram". "A maioria dos gays", ele conclui, "não são bichas loucas como se pensa". Ah, não? As *New Lavender Panthers* (contingente masculino) querem que saibam que não apenas se consideram bichas loucas, mas também viados, boqueteiros e arrombados, enquanto as garotas são as conhecidas sapatões, caminhoneiras, machonas e fanchonas. Em outras palavras, foda-se o conformismo sexual. O autor reclama do espancamento de gays, esquecendo-se que as vítimas geralmente são o tipo de gente que ele mesmo descreve como repugnante. Em uma outra carta gay da edição nº 64 o autor (não-gay) percebe que são os membros mais visíveis e evidentes dos setores marginalizados que suportam o peso dos ataques da maioria moral: "Será terrível quando essas minorias oprimidas começarem a agir com audácia", escreve.

Se essas bichas apologistas decidiram viver vidas de aparência hétero, monótonas e tediosas, é uma escolha delas, MAS! assumir uma posição de desaprovação em relação à sodomia (com camisinha, claro), à atividade promíscua (sexo seguro, sempre!), e a um comportamento sem aparência hétero é agir de acordo com a

tática da cultura dominante de promover a divisão no interior dos movimentos insurrecionais. Assim, vamos deixar vocês com estes pensamentos sobre o tema:

*Tem uma bicha na família
Eu não sei o que fazer
Tem uma bicha na família
Ele não é como eu e você
Tem uma bicha na família
Se a vovó ficar sabendo
(Pô cara, que embaraçoso,
o que meus amigos vão dizer?)*

- de "Faggot in the Family"/ ARYAN DISGRACE

... e...

*Eu o amo, eu o amo, eu o amo
E quando ele chegar eu vou engolir, vou engolir, vou engolir
Só porque eu o amo, eu o amo, eu o amo, eu o amo
E quando ele chegar eu vou engolir, vou engolir, vou engolir
Só porque eu o amo
- de "Nips Get Pissed"/NIP DRIVERS*

H*O*M*O*F*O*B*I*A

P: Você já participou de um espancamento de gay?

R: Tentei fomentar linchamentos para vingar espancamentos de gays. [Brosquin Rewde]

Outro dia acertei meu ioiô na minha cara. [Donna Dresch]

Quando eu tinha 16 anos, minha gangue foi para o centro da cidade para bater em queers, mas nunca encontramos nenhum e fiquei muito feliz por isso. [Lawrence Livermore]

Há muito o que dizer sobre o tema da homofobia, mas por que não só ouvir a canção dos UGLY AMERICANS, que está nas Top 20 do Hit Parade da Jds:

*Vamos bater em umas bichas
Porque elas me deixam mesmo doente
Todos sabemos que este é um mundo dos homens
E homens de verdade não chupam cacetes
Não mesmo!
Sei umas piadas de engraçadas de AIDS
Elas me fazem rir pra caramba!
E se você não gosta de pretos também
Vou te contar umas de anemia falciforme
Homofobia – homofobia
Meu cu
H-O-M-O-F-O-B-I-A*

(No caso de não ter detectado o sarcasmo e achar que esta música é pró-homofobia, considere que o baterista do UGLY AMERICAN é negro, e eles têm outra música no mesmo disco (*Who's been Sleeping...*) chamada "Eu amo a mamãe" ("*I Love My Mom*"). E não se esqueçam de "*Weenie Man*"..)

P: Você já apanhou porque alguém pensou que você era uma bicha ou sapatão?

R: Sim, mas não foi porque pensaram que eu era uma bicha, foi porque eu sou mesmo uma bicha. [Bundão anônimo]

Ainda não, mas sempre sinto como se estivessem à espreita. [Donna Dresh]

Nem tanto por ser uma bicha mas por ser um punk/fracote. [Marc Rentzer]

E aqui está outra música chamada "Homophobia", da VICTIMS FAMILY:

*"Acabei de ouvir essa música, peguei só as últimas palavras
Era sobre odiar bichas, cara era muito legal!"
O que você quer dizer?
Por que você concordou com ela?
Você é só um enrustido no armário
e você não me impressiona.
"Não, falo sério, era da hora!
Acho que consigo lembrar e agora eu vou
cantar pra você."
Não, não quero ouvir.
Você tem merda na cabeça
Você deve estar louco,
Por que não me contou sobre seu passado?"*

hit parade!



This Time	Group		Last Time
1.	Nip Drivers	Quentin Crisp	3
2.	Fifth Column	The Fairview Mall Story	2
3.	Aryan Disgrace	Faggot In The Family	1
4.	Victims Families	Homophobia	12
5.	Nip Drivers	Nips Get Pissed	13
6.	Mighty Sphinxter	Fag Bar	9
7.	Zuzu's Petals	Bert	6
8.	Beefeater	Fred's Song	18
9.	Dr. Know	Fist Fun	5
10.	Patti Smith	Redondo Beach	8
11.	Bowwowow	Uomo Sex Al Apache	12
12.	Leather Nun	Gimme Gimme Gimme (my man after midnight)	11
13.	A.S.F.	Trashed Out Macho Lesbo Skateboard Junkies	---
14.	Raincoats	Only Loved At Night	15
15.	Angry Samoans	Homo-sexual	4
16.	Butthole Surfers	Butthole Surfers Theme	10
17.	Gay Cowboys In Bondage	Cowboys Are Homos	7
18.	Malaria	Duschen	14
19.	Tuxedo Moon	Some Guys	16
20.	Impotent Sea Snakes	I Caught Aids From A Dead Man's Asshole	19

TOP ADDS COMING UP

- Artless
- Coil
- Dicks
- Shock Headed Peters I, Bloodbrother Be
- Boy With A Cunt
- The Anal Staircase
- Off-Buty Smiler

WRITE TO J.D.s AND LET US KNOW WHICH HOMOCORE HIT IS YOUR FAVOURITE!: J.D.s, P.O. BOX 1110, ADELAIDE ST. STN., TOR. ONTARIO, CANADA, M5C 2K5



PATTI SMITH



THE LEATHER NUN



The NIP DRIVERS

top twenty

homocore hit list

j.d.-like box

A gangue do sexo da J.G.s quer você!

P: Você lê a J.D.s?

R: Não, só bato punheta vendo as fotos. [Donny The Punk]

Antes das páginas ficarem todas grudadas. [Mikel Board]

Claro que não! Aquele lixo?! [Tom Jennings/ HOMOCORE zine]

Oi! leitoras:

Chegamos ao final de nosso show. Algumas de vocês devem estar chocadas, outras ofendidas, mas nenhuma saiu ilesa. O que mais podemos lhes dizer sobre a J.D.s e que ainda não foi dito em dezenas de resenhas, artigos e entrevistas, alguns dos quais até foram publicados, nos últimos dois anos? Talvez só isso. A J.D.s é parte de uma série de projetos fomentados pelas *New Lavender Panthers*, um coletivo de bichas, sapatões, e outras fodidas que se dedica à tarefa de colocar o "gay" de volta no "punk" e o "punk" de volta no "gay". Tentativas recentes da mídia de cooptar a J.D.s destacando indivíduos para ser bichas-punks *token*³ divertidas não podem ser aceitas pelo coletivo.

O movimento homocore é uma insurreição espontânea provocada por incidentes específicos de discriminação e, sim, inclusive de violência, contra nós, queers. A coletânea dos *Top 20 Homocore Hits* da J.D.s indica a generalização e o crescimento de exemplos da inevitável rebelião contra o conservadorismo no interior do movimento punk. Muitas das músicas que escolhemos para representar as raízes do homocore tiveram uma motivação inconsciente. Agora estamos no processo de fazer uma fita com uma coletânea de bandas/performers punks gay cujas contribuições

³ N das M: Tokenismo é a política e a prática de fazer um gesto superficial de inclusão de membros de grupos minoritários e assim desviar as acusações de discriminação. Por exemplo: uma empresa acusada de racismo contrata - frequentemente com grade estardalhaço publicitário - um funcionário negro com o objetivo de melhorar sua imagem, sem que, contudo, suas práticas racistas sejam abandonadas.

são não apenas abertamente gays no conteúdo, mas também combativas e diretas em sua temática política, críticas tanto da apatia da comunidade gay como das limitações do punk. Se algum grupo ou indivíduo estiver interessado em colaborar com esta fita, escreva pra gente.

Mensagens de ódio devem incluir envelope selado e foto recente. Obrigadas.

No final do questionário, adicionamos o seguinte convite: "Estamos escrevendo um artigo para um fanzine internacional sobre o tema Gays e Punks. Se você tem algum comentário, questionamento, ou citações para oferecer (ou anedotas, histórias sujas, contos da vida real, fotos comprometedoras, etc) por favor incluam. Obrigadas".

Aqui estão algumas das respostas que tivemos:

Tom Jennings

Quando digo que sou um homo-punk recebo todo tipo de reações interessantes, quase nenhuma das que geralmente se espera. Eu nunca cheguei a ouvir (na minha cara, pelo menos) nada como o desagradável "bicha de merda" que vocês imaginam. Na maioria das vezes as pessoas nem têm reação nenhuma. (Isso é o mais decepcionante, já que me priva da possibilidade de ficar com raiva e obter justiça!).

Por que eu iria contar a alguém que sou queer, em vez de não dizer nada, ou só mencionar discretamente no momento certo? Há um monte de razões, mas principalmente: pode ser que eu encontre alguém que eu gostaria de namorar. Que porra você esperava, alguma nobre causa altruísta? Primeiro o principal, eu digo.

Agora a maioria de meus amigos e conhecidos são considerados bastante inteligentes e cosmopolitas, e são bem modernos em relação a questões complexas como sexo e amor e tudo isso. Portanto, precisam usar métodos mais refinados de repressão e assédio que as pessoas comuns.

Não vou abordar aqui a merda opressora óbvia como a violência – isso é fácil, ou pelo menos mais simples. Ninguém que eu conheço toleraria de modo algum esse tipo de coisa. Há coisas muito mais traiçoeiras que isso! Você vai encontrar todo tipo de apoio se for espancado (bom, às vezes...); a merda amigável e silenciosa das pessoas de boa consciência é muito pior, e mais difícil de lidar.

Uma dessas respostas “inteligentes” quando falo a meus amigos sobre meus desejos sexuais é: “Não há necessidade de fazer tanto alarde de sua sexualidade, por que você tem que dizer isso aos outros?”. Eu costumava levar isso a sério e me perguntar se estava mesmo fazendo alarde por nada, mas não era nada disso, afinal: a verdadeira pergunta é por que isso incomoda tanto a ELES? O que eles querem dizer é que não conseguem lidar com isso, mas como são tão inteligentes e mente aberta, se ficam incomodados é porque a culpa deve ser SUA. Por que você não torna tudo mais fácil e cala a boca?

O fato que NINGUÉM SABE é por que eu e tantas outras pessoas ficamos tão fodidamente isoladas, no meio de uma sala cheia de amigos. Uma boa parte da razão é porque eu conto para as pessoas. Não sou eu que faço alarde de minha sexualidade. Todo mundo faz. Antes de ir para o Primeiro Grau eu gostava de maneira especial de certos meninos, e depois que atingi a puberdade eu também sabia que isso era algo que não era mesmo legal, e que sobreviver (para mim) significava esconder muito de mim.

Outra reação que soa realmente inteligente é: “Rótulos são tão ridículos e limitantes, como você pode se limitar desse jeito?” (“rotulando-me” de homo, etc). Bom, rótulos e categorias podem ser limitantes, mas isso não é um rótulo ou categoria, é uma

preferência. Leia meus lábios: PREFERÊNCIA. Não me importa por que eu gosto sexualmente mais de caras que de garotas, não importa se é genético ou se mandei uma ordem de pagamento via correio para isso.

Deixando os rótulos de lado, eu não sou homo/gay/bicha/queer/etc, eu só gosto de meninos com propósitos sensuais muito mais que de meninas. Eu não fiz o(s) rótulo(s). Agora, se você gosta de pessoas baixinhas e morenas, não é chamado de *gostador-de-pessoas-baixinhas-e-morenas*, ou de queer, ou é espancado, não te chamam de nada, isso é só algo de que você gosta. Eu gosto de caras, me chamam de queer e podem me espancar. Sou obrigado a usar os rótulos por uma conveniência de conversação, homo/bicha/queer, já que todo mundo faz tanto alarde disso, mas fora isso, não me coloco rótulos, então supere isso, ok?

A suposição de todas essas assim chamadas respostas inteligentes é que eu de alguma forma me limito não querendo garotas para amantes ou para sexo ou para o que for, e que as razões para isso são de alguma forma suspeitas; em outras palavras, da mesma forma que os homofóbicos assumidos sustentam, há algo de errado comigo. Talvez eu odeie garotas, ou ainda não encontrei a(s) garota(s) certa(s), ou tive uma experiência traumática, etc etc. Pergunto: por que te incomoda tanto eu gostar do que eu gosto? (É este o outro lado da moeda das acusações contra algumas pessoas que "trepariam com qualquer coisa que tivesse uma boceta/pau"?)

(Como um pequeno aparte, há aquele clichê da "sapatão que odeia homens" e da "bicha que odeia mulheres" que é algo idiota demais: quantos caras hétero você já encontrou que não veem outra utilidade para as mulheres que não seja trepar? Quantos amigos próximos não-sexuais do sexo oposto VOCÊ têm? O próprio clichê é revelador, principalmente quando você pensa a respeito de quem o diz com mais frequência).

O que realmente acontece é que a maioria das pessoas estão muito pouco à vontade com o sexo, ou com a proximidade de outros - e até mesmo dos seus próprios - corpos, e que elas mal imaginam o que se passa na cabeça dos outros ou mesmo nas suas próprias para mal lidar com as poucas coisas que ELAS fazem, que quando você faz algo mais elas não podem lidar com isso. Ninguém realmente fala sobre a sexualidade humana, exceto quando é absolutamente necessário, e por isso nunca se livra de todas essas velhas ideias cheias de teias de aranha.

Sou o primeiro a admitir que estou longe da perfeição em relação a minha própria sexualidade, quanto mais em relação à sua. Merda, levei todo esse tempo só para descobrir isso e ainda não tenho namorado depois de três anos de procura. É que para ser um fora da lei neste mundo, e sobreviver (quanto mais para ter sucesso), você tem que trabalhar mais duro e ser mais perfeito que os não fora da lei. O que nos ensinam (ou não ensinam) sobre sexualidade, nossos corpos, e nossas relações com outras pessoas é pura merda. Assim como tudo o que nos ensinam sobre o que o governo deste país faz e significa não é necessariamente assim. Vocês acham que mentiras e autoengano se limitam a assuntos políticos? Fui forçado a passar por um processo que me fez duvidar de um monte de coisas sobre o sexo, então não é surpresa que eu tenha pensado muito sobre outras coisas também e comecei a duvidar de todo tipo de suposições sobre como o mundo supostamente funciona. Muitas pessoas passaram por um processo semelhante, geralmente depois de sofrerem alguma injustiça, como quando você é uma garota e todo mundo ignora o que você diz, ou se você é negro e é evitado - ou pior que isso - em um show. Frequentemente quando isso acontece em um determinado aspecto da vida, você descobre algo similar em outros: mulheres lidando com o horror de tentar fazer um aborto mais humano, descobrem o quanto a indústria médica é ruim, o quanto a burocracia governamental maltrata as pessoas, o quanto as famílias podem ser opressoras, etc.

Fui a um encontro anarquista em Toronto, e pela primeira vez na vida encontrei um monte de pessoas com o mesmo dilema que

eu. Que é mais ou menos esse: "Vou a lugares 'gays' e é o mesmo que ir a qualquer outro lugar: é a mesma merda, exceto que os consumidores yuppies são gays, e tão pobres de espírito quanto quaisquer outros. Vou às coisas punk, que são minha vida e das quais eu me sinto parte, e tenho que esconder minha sexualidade". Isso é incrivelmente comum. Nem todo homo é um "assimilacionista", isto é, alguém que é gay mas quer ser parte da cultura dominante; coisas como "direitos iguais" significam mulheres e homossexuais no exército, o direito a um emprego de merda pro resto da vida, e coisas como "liberdade de escolha" significam escolher entre Coca Cola, Pepsi ou Seven Up.

Boa parte do sistema social no qual vivemos destina-se a nos manter separados, a traçar linhas divisórias entre nós, a nos manter apartados em pequenas categorias, a nos fazer odiar uns aos outros e a fazer seu trabalho sujo por ele. "Unidade" é besteira. Não sou nem quero ser o mesmo que você; vamos "cooperar" como indivíduos únicos ou, porra, para pelo menos pararmos de nos odiar. Você vai se surpreender com quem seus amigos realmente são...

Radikal Ray

Saí com um skinhead uma vez e ficamos por aí o dia todo, bebendo, fumando maconha, etc. Eu (sei lá por quê motivo) não consegui fazer meu bilau levantar; claro que o cara achou aquilo engraçado e apostou comigo que podia deixar ele duro. Então ele começou a me chupar, cutucando meu cu com os dedos enquanto me chupava (seu jeito de me fazer saber que iria me foder até os miolos assim que terminasse de me chupar) e quando eu (finalmente) cheguei ao clímax total, ele vomitou vodka na parede toda. Nem preciso dizer que perdi o tesão de novo...

Jeffery Kennedy / BOYSVILLE USA

Vou ser totalmente honesto. Quando eu era mais jovem, virei punk porque achei que eu seria bem-vindo. Quer dizer, eu gostava da música e era o que se pode chamar de um proscrito, ainda que isso pareça clichê. Tipo, os meninos gostavam de mim até acharem que eu era bicha. Aí eles fugiram. Tanta anarquia e fraternidade... Só depois que eu me retirei e enfrentei aquela cena toda em meus próprios termos que eu pude realmente me divertir. Foi uma experiência muito instrutiva, te digo.

Menino Anônimo

Tem um montão de punk gay! Eu achava que eram muito poucos mas continuei encontrando mais e mais! Acho isso maravilhoso!

Um dos problemas é que era OK ser gay na cena punk muito tempo atrás, mas alguma coisa aconteceu quando um monte de bandas no movimento hardcore começaram a usar as palavras "gay", "homo" e "bicha" como ofensa e xingamento. Não sei por que punks hétero se sentem ameaçados ou qualquer coisa assim, mas eu realmente quero ver a coisa se movendo de volta na outra direção. Sou um cara de 23 anos e estou no punk desde que tinha 16 e sempre senti como se tivesse que esconder que sou gay. Mas agora eu quero romper mais e mais com isso. Tenho que arrumar um emprego fixo, assim vou poder ter dinheiro para ter meu próprio apartamento e me afastar de meus pais e suas opiniões de ódio.

Donny The Punk

Ao longo do período de formação do punk (1975-79) penso que a ênfase estava em se libertar dos conceitos e limitações da sociedade, em experimentar, em vez de expressar uma identidade *de gueto* como "gay". Punk podiam mais fazer ou experimentar

qualquer coisa sem aceitar tais rótulos. Patti Smith e os Ramones, que estão entre os fundadores do punk rock, tinham músicas relacionadas à homossexualidade em seus primeiros Lps ("Horses/Land", de Patti Smith, que é sobre um menino que é estuprado e "Redondo Beach", um lamento para uma amante feito por uma cantora que também cantava para amantes homens; "53rd and Third", dos Ramones, sobre a prostituição masculina) mas em nenhuma dessas músicas o personagem principal era "gay". Do lado britânico um ano mais tarde o primeiro compacto dos Buzzcocks foi um grande sucesso (para os padrões punks) com uma música sobre um menino que não parece se importar se seus parceiros são homens ou mulheres: "Orgasm Addict". Da pra fazer uma longa lista de punks famosos envolvidos em sexo com o mesmo gênero, dos dois lados do Atlântico, começando com o Johnny e o Sid (antes da Nancy aparecer).

Aí veio o Tom Robinson, que costumava trabalhar pro *London's Gay Switchboard*, e cuja "Glad to Be Gay" era muito popular entre punx em geral; acho que ele foi o primeiro punk conhecido a se autoidentificar como "gay". Pete Shelley, dos Buzzcocks, seguiu com a "Homo Sapien" depois que os Buzzcocks se separaram. Do lado americano, Lance Loud, um adolescente que "saiu do armário" para sua família em um programa nacional de televisão ("An American Family") esteve à frente de uma banda punk em Nova York.

Quando o punk fez a transição do estilo clássico para o hardcore, começou uma nova ênfase, que não era parte da ideia original do punk, de ser "duro" ("hard"), e isso era identificado com ser "machão". Dada a imagem popular das atividades homossexuais (entre caras) como "pouco viris", não é de se surpreender que a homofobia logo tenha se tornado uma parte – felizmente uma parte muito controvertida – da cena punk. Com a violência homofóbica na cena, tornou-se um risco ser identificado como alguém disposto a experimentar com a sexualidade do mesmo gênero; ao mesmo tempo menos punx estavam dispostos a enfrentar os riscos de assumir sua independência em relação à pressão de outros punx. O resultado foi uma repressão pesada do homoerotismo. O pânico da AIDS, alimentado pela propaganda do governo, que não fazia

distinção entre um comportamento de risco como dar o cu e um comportamento seguro como chupar um pau⁴, com certeza contribuiu para essa repressão. Os punx mais dispostos a combater essa atmosfera foram aqueles que se autoidentificavam como "gays", então a ênfase na discussão aberta na década de 1980 passou da liberdade de limites na expressão sexual para os problemas específicos de um grupo de minoria oprimida, os "gays". Pessoalmente, considero que esta é uma das áreas onde houve o retrocesso mais significativo no punk.

Como nota de rodapé, vale lembrar que uma edição de 1978 da PUNK MAGAZINE, então o único punkzine da Costa Leste, trazia uma discussão com o gerente do *Max Kansas City* (que na época estava tomando o lugar do CBGB como o principal clube punk de Nova York) sobre a palavra "punk", na qual ele claramente declarava que o termo era usado na cadeia para os presos mais jovens que eram estuprados e escravizados sexualmente, então a consciência desta conotação era generalizada.

Também acho que a intensidade do contato físico entre homens no mosh contribuiu para a homofobia porque traz à tona o medo da homossexualidade (confundida com homossensualidade) nos adolescentes inseguros que de outra forma não estariam lidando com esta questão, ou pelo menos não com tanta emoção.

P: O mosh te deixa com tesão?

R: Não. [Lawrence Livermore]

Ultimamente tudo me deixa com tesão. [Jane Guskin]

Não, seu idiota, o mosh não me dá tesão. No entanto, quando dancei com a Annabella Lwin (BOW WOW WOW) na minha formatura, fiquei de pau duro e não era mosh, em todo caso... sua bicha. [Marc Rentzer]

4 N das M: Como macacas idosas nos sentimos na obrigação de dizer que chupar um pau sem camisinha não é uma prática 100% segura, como acreditava Donny the Punk... de qualquer forma todos os garotos deviam experimentar, tomando sempre as devidas precauções, é claro.

Mosh com o quê? [Mykel Board]

As portas do mosh nunca se abriram para mim. [Bundão anônimo]

O Mosh nunca me deu tesão. Nem assistir os outros agitando mosh. [menino anônimo]

Bom, eh, mmmm, urgh, sim... Tem mais ou menos três semanas eu fui àquele show em Seattle e a GIRL TROUBLE estava tocando, uma banda muito boa de Tacoma, e era naquele clube de boxe que costumava ser um lugar de S&M. Enfim, tinha sido um dia quente e havia 200 pessoas abarrotadas naquela pequena sala sem ventilação. Aquilo estava FUMEGANDO. Você não podia respirar! É claro que todos os garotos na sala tiraram suas camisetas e eu pulei no meio deles quando GIRL TROUBLE começou a tocar "Little Sister" (do Elvis). Eu estava exausto. Dançava, trombava, cambaleava, suave, me arranhava... yeah, o mosh me deixou com tesão. [Jeffery Kennedy]

Se quiser, pode fazer uma pergunta equivalente para as garotas, mas é idiota, de qualquer jeito. [GB Jones]

